

Pe Aristeu Meirelles



*"Voando para Deus
nas asas dos anjos"!*

Pe. Aristeu Meirelles, sdb

**“VOANDO PARA DEUS
NAS ASAS DOS ANJOS”**

* 20 de outubro de 1934
+ 29 de setembro de 2012

Padre Francisco de Sales Martins, secretário inspetorial, assim anunciava o falecimento do Pe. Aristeu: *“Com pesar, venho notificar o falecimento do Pe. ARISTEU MEIRELLES, hoje, dia 29 de setembro, às 19h30min, em Belo Horizonte-MG. Padre Aristeu, submetido a uma cirurgia devido a uma fratura do fêmur, não resistiu à mesma, vindo a falecer aos 78 anos de idade... rezemos para que o Senhor da vida acolha mais este nosso irmão no seu Reino de Paz...”*



No **ACONTECE**, informativo inspetorial, nº 686, de 4 de outubro de 2012, Pe. Nilson Faria dos Santos, inspetor, enviava uma mensagem, comunicando a morte do padre Aristeu:

PADRE ARISTEU MEIRELLES: VOANDO PARA DEUS NAS ASAS DOS ANJOS!

*No dia 29 de setembro último, quando celebrávamos o dia litúrgico dos anjos Miguel, Gabriel e Rafael, deixou-nos o Pe. Aristeu Meirelles. Padre Aristeu era amante da perfeição e das coisas bem feitas. Por isso mesmo, não admitia meios-termos. Nos anos 70, costumava dizer, parafraseando uma propaganda de produtos eletrônicos alemães, que tinha mania de perfeição. Padre Aristeu, em nossa Inspeção, desenvolveu os seus trabalhos com grande empenho pastoral, em São João del-Rei, Rocha Miranda e Cachoeira do Campo. Em seguida, durante cerca de vinte anos, prestou serviços à Arquidiocese de Mariana. Nos últimos anos, encontrava-se em debilitada condição de saúde e assistido pelos familiares de Joana Chaves, em Santa Rita de Ouro Preto. Hoje, junto de Deus, contempla o que em vida vislumbrava em seus graciosos trocadilhos: **"Quem é como Deus"** (Miguel), já que só **"Deus tem a força"** (Gabriel), pois é **"Ele mesmo quem cura"** (Rafael) de todos os males, sobretudo do mal da morte! É por isso que estou vivo e livre de todos os males!*

É sempre um dia triste o dia da despedida de uma pessoa que foi para nós alguma referência na vida... Para um, um grande amigo; para outro, um querido mestre; para um terceiro, um modelo a seguir... Um ritualista, rigoroso, sério, compreensivo, intolerante... E as referências são inúmeras... Atenção, bondade, conhecimento, ternura, consideração. O certo é que fica a dura realidade: perdeu-se uma referência. A passagem de tantas pessoas (todas elas grandiosas) nos interpela sempre. Faz-nos tomar a tocha deixada pelo companheiro, pela pessoa querida que desaparece e passá-la no momento certo, da maneira certa, à pessoa que dará sequência à corrida em direção à meta final. E ao nos doar essa dura realidade, de tomar o bastão, a tocha das mãos do atleta que no-la entrega para a passarmos adiante no momento oportuno, fica uma certeza: o Senhor da vida é a referência das referências. E a Ele nós rezamos: *Senhor, nosso Dominador, soberano, quão admirável é o teu nome em toda a terra! Tu fizeste sair da boca dos meninos e dos que ainda mamam um louvor perfeito contra teus adversários... Quando contemplo os teus céus, obra de teus dedos, a lua e as estrelas que Tu criaste, eu pergunto: **Que é o homem, para te lembrares dele? Ou o filho do homem para o visitares? Tu o fizeste pouco inferior aos anjos, de glória e de honra o coroaste e lhe deste o mando sobre as obras das tuas mãos...***

Padre Aristeu, nascido aos 20 de outubro de 1934, em Boqueirão do Rio Preto, Santa Rita de Jacutinga-MG, depois de ter concluído o então curso primário, passou um ano ajudando o pai nos trabalhos do campo. Chegou ao Colé-

gio São João, em São João del-Rei, com 13 anos de idade, a fim de iniciar seu tempo de formação salesiana no aspirantado. Padre José Vasconcelos o acolheu. Conosco ficou até 1993, quando passou a servir a Arquidiocese de Mariana, em Santa Rita de Ouro Preto, acolhido pela família de Joana Chaves.

ARISTEU, O HOMEM BOM

*“Só nos resta o post mortem para render homenagem a quem a tenha realmente merecido... lembro-me do Pe. Meirelles como um **homem bom**. E, nessa afirmação, estão resumidas todas as suas qualidades.”*

O livro do Eclesiástico, em 44,20, nos convida: *“Louvemos os varões ilustres, os nossos maiores, a cuja geração pertencemos”*. É agora que me ocorre uma lucubração rápida sobre o grau de comparação dos adjetivos, na língua grega. **ARISTEIDES** foi o general, o homem de Estado ateniese, que, graças à sua integridade, foi chamado **justo**. O adjetivo **bom** tem quatro formas no superlativo; uma delas é **áristos** que se traduz exatamente por **valerosíssimo**. Por essa feliz coincidência, chegamos ao **ARISTEU**, o Meirelles bom, justo, valeroso, corajoso, destemido. Sim, Aristeu, o melhor; é o nosso jeito de prestar-lhe nossa homenagem. Foi o amante da perfeição e das coisas bem feitas; assim o definiu o padre inspetor na sua mensagem quando anunciava seu falecimento.

Dava um testemunho de firmeza na sua vocação. Tinha muita certeza do seu chamado, seu chamado vindo de Deus. Ele mesmo expressou, quando ia entrar no noviciado: *“Estou certo ser este o chamado de Deus”*. Mais adiante, ele acrescentou, confirmando sua certeza de ter sido mesmo chamado: *“Creio ser este o estado que me há de deixar mais satisfeito no momento de minha morte e o caminho mais seguro para eu ir ao céu”*. Sua fidelidade foi a palavra final, em meio a tantas provas.

“TINHA A FACE DO RELIGIOSO EXEMPLAR”

Exemplar, sim, distinguia-se por isso no seu aspirantado. Merecia a confiança dos superiores. Lembra-me tê-lo conhecido de perto, quando ingressei no aspirantado, no Colégio São João. Conheci-o logo; foi um dos primeiros a marcar a minha vida, naquela situação nova de ter deixado minha família, ainda aos 11 anos; de ter ingressado naquele universo completamente novo que causava admiração, curiosidade, medo e saudade. Era na divisão dos menores. Foi-me designado um lugar no refeitório, numa mesa para oito aspirantes; meu lugar era no canto, bem ao lado daquele que (fiquei logo sabendo) se chamava chefe de mesa. Era o Aristeu. Logo percebi que se tratava de alguém que se destacava. O decurião, o chefe de mesa eram figuras que mereciam a confiança dos superiores. Aristeu, percebendo meu silêncio, ajudou-me naqueles primeiros momentos difíceis. Fazia trocadilhos com meu nome. Contava alguma piada

deixando-me curioso e com vontade de conhecê-lo mais. Despertou minha curiosidade o seu domínio da flauta doce que ele mesmo fabricava, com os poucos recursos que havia no aspirantado dos anos 50.

Sempre teve o ardente desejo de se tornar salesiano, carreira que ele chamava de sublime e *“a que mais convém à minha salvação e ao bem das almas, especialmente dos jovens”*. Tinha convicção de estar no caminho certo. Assim se expressou, no seu pedido para ingressar no noviciado: *“Há já muito tempo que espero esta ocasião para realizar o meu mais ardente desejo” (...)* *Desejava ser salesiano, sacerdote, para que – dizia – “eu me dedique a um apostolado mais direto entre os meninos e leve muitas almas a Deus juntamente com a minha”*.

Sempre humilde, reconhecia com sinceridade sua pequenez, suas limitações. Essa atitude o acompanhou durante sua vida, no tempo em que conviveu conosco. *“(…) Reconheço minha indignidade e fraqueza (...); reconhecendo embora ser indigno de tamanha graça (...); ousa ainda pedir-lhe uma prece e um auxílio, a fim de que possa preparar-me, o menos indignamente possível, para este passo (...)*”.

Seu entusiasmo pela vocação, que ele sentia como chamado especial de Deus, era marcante; era sua característica. No fim do noviciado, ao se aproximar o dia de sua primeira profissão religiosa, deixou extravasar sua alegria: *“Eis que enfim chegou o dia há tanto tempo esperado. (...) Procurei ler muito assuntos sobre vocação e creio que possuo as qualidades necessárias para ser um bom sacerdote salesiano como ardentemente desejo”*. Muito entusiasmado com a sua vocação, convicto, mas sem perder a modéstia, acrescentava que era indigno de tão alto ministério e confiava não em suas forças, mas em Deus. Escreveu: *“Estou certo de que, na Congregação Salesiana, efeturei o meu desejo de obter mais facilmente a minha salvação e fazer algum bem especialmente à juventude aumentando o reino de Jesus. (...) Creio ser este o estado que me há de deixar mais satisfeito no momento de minha morte e o caminho mais seguro para eu ir ao céu”*.

PRESEÇA DE MARIA

Demonstrava ser grande devoto de Maria Santíssima. No mês de maio, era tradição, no aspirantado, fazer uma oração especial a Maria, no dormitório, à noite, antes do repouso. Aristeu preparava com carinho especial o altar de N. Sr.^a Auxiliadora em maio. À devoção profunda somava carinho com habilidade, e o resultado era um belo altar que dava aquele tom especial ao mês de maio. Numerosas foram suas referências a Maria Santíssima, demonstrando uma devoção sincera, profunda, confiante. Assim se expressava no seu pedido para entrar no noviciado: *“Reconheço que, pelos meus inúmeros defeitos, não sou digno de tão alto ministério, Maria Santíssima, porém, que foi para mim até agora mãe carinhosa, me há de auxiliar a alcançar esse fim, pois foi Ela mesma quem aqui me trouxe. Confiado pois no auxílio de tão boa e poderosa Mãe,*

venho pedir-lhe para entrar no Noviciado (...).” Ao terminar o seu noviciado, fazendo o pedido para a primeira profissão, expressava-se da mesma forma: confiante, seguro, certo da proteção da mãe Auxiliadora: “(...) *confiado não em minhas forças mas em Deus e em Nossa Senhora Imaculada Auxiliadora cuja festa hoje celebramos, e cujo auxílio até hoje não me faltou, crendo que também não me há de faltar no futuro (...)*”.

Fazendo seu pedido para a profissão perpétua, reforçou o testemunho de confiança e gratidão à sua Mestra: “*Reconheço a minha pequenez e indignidade, confiando, porém, no auxílio de Nosso Senhor e de Maria Imaculada minha Mestra, Guia e Mãe, ousou fazer este pedido (...)*”.

Ao fazer o seu pedido para receber a tonsura, no ano de 1960, destacou a presença de Maria em sua vida: “*A Virgem Imaculada Auxiliadora dirijo minhas orações, colocando-me sob sua especial proteção, para que Ela, que sempre se tem mostrado Mãe carinhosa, conceda-me ser fiel até à morte aos compromissos que pretendo assumir neste sublime ideal a que ardentemente aspiro (...)*”.

Ao fazer o seu pedido para receber a ordem do diaconato, mais uma vez testemunhou sua grande confiança. *Reconheceu primeiro sua indignidade: “Reconheço a minha indignidade, e por isso recomendo-me às suas valiosas orações” (...)* “*estou certo de que Jesus e a Virgem Auxiliadora que até o presente me cumularam de graças especiais, sem nenhum merecimento de minha parte, também haverão de ajudar no futuro, para que, praticando o mais fielmente possível as virtudes do nosso santo Pai aqui na terra, possa com ele cantar as glórias de Deus na eterna bem-aventurança*”.

Consciente na proteção divina, no auxílio de Maria, confiou a Ela o seu sacerdócio, seguindo os passos de Dom Bosco. “(...) *Reconheço minha indignidade e fraqueza, mas, com a proteção divina e o auxílio da Virgem Maria a quem confio o meu sacerdócio, espero ser um sacerdote segundo o coração de D. Bosco, na Congregação Salesiana*.”

Nossa vocação é marcada por um dom especial de Deus: a predileção pelos jovens. Um estilo original de vida e ação foi o que nos transmitiu nosso Fundador. Padre Aristeu soube perceber muito clara essa perspectiva e soube vivê-la nos diversos momentos de sua vida; quer quando estava servindo a Deus na Congregação, quer quando se colocou a serviço da Arquidiocese de Mariana, em Abre-Campo e Santa Rita de Ouro Preto.

Que o Senhor da vida, que o acolheu com seus braços paternos, lhe recompense a fidelidade ao serviço da evangelização. De fato, “ele está vivo e livre de todos os males”.

Um agradecimento a todos que colaboraram para a redação desta carta, especialmente ao Pe. Silvério Ivo.

Padre Geraldo M. Lisboa

CASA INSPETORIAL – BELO HORIZONTE-MG

REQUIESCAT IN PACE - José Carlos Costa

A morte santifica os que leva. *De mortuis nisi bonum*. O aforismo que nos foi deixado pelos romanos não é, claro, absoluto, pois, em relação a alguns, somente após a morte se tem liberdade de manifestação sobre seus atos, a outros, porque, em vida, impedem a modéstia e a simplicidade. Assim, só nos resta o *post mortem* para render homenagem a quem a tenha realmente merecido, embora o poeta tenha cantado que, as flores, lhe sejam oferecidas em vida.

Quero, pois, render neste espaço minha sincera e simples homenagem ao Pe. Meirelles, a quem conheci em dois momentos muito diferentes, na dele e na minha vida. Foi meu professor e assistente, nos idos de 58/59, em São João del-Rei; muito mais tarde, envelhecido menos por conta da idade do que pelo frágil estado de saúde, em Santa Rita, vilarejo próximo a Ouro Preto, onde alimentava o sonho de continuar sendo educador, interrompido com o fechamento do Colégio de Cachoeira do Campo.

Lembro-me do Pe. Meirelles como um homem bom. E, nessa afirmação, estão resumidas todas as suas qualidades. Esse homem bom tinha, às vezes, a face do religioso exemplar; outras, do professor preocupado com o desempenho de seus alunos; outras ainda, do assistente que democratizava naturalmente a atenção que dava aos seus assistidos.

Guimarães Rosa, autor célebre de "Grandes Sertões: Veredas", disse, por ocasião do falecimento de um seu colega da faculdade de medicina, vindo a repetir anos depois, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, que as pessoas não morrem, ficam encantadas. Padre Meirelles, mais que outros, ficou encantado, na nossa vida e na nossa lembrança. Passou por nós, mas não foi só. Deixou um pouco de si e levou um pouco de nós, como nos lembra Antoine Saint-Exupéry, em "O Pequeno Príncipe".

Quis fazer um retrato 3x4, preto e branco, de um homem bom, não sei se o consegui satisfatoriamente, pois ele estava, está, muito além das palavras.

Seu nome: Aristeu Meirelles.

Dois anos na minha frente, fez o noviciado em 1953. Em 1959, Aristeu era assistente dos maiores em São João del-Rei, e eu era vice-assistente. Mais tarde, convivemos dois anos na Lapa, onde era exímio e dedicadíssimo barbeiro, atencioso em manter nossas tonsuras bem aparadas, como exigiam os superiores. Aparadas de tal modo que mechas maiores de cabelo não conseguissem escondê-las...

Aristeu foi um amigo. Vivemos intensamente algumas situações complicadas que ele ponderadamente enfrentava calado, sofrido, infelizmente. Foi vítima, ainda no período de formação, de algumas injustiças. Em 1977, deixei a Congregação e, apesar e não perdê-lo de vista, não consegui acompanhá-lo de perto. Pelo que não sei de sua vida em Cachoeira, donde saiu da Congregação. Só vou encontrá-lo mais tarde, já em Santa Rita, ao lado de Joana. Não sei detalhes de seu afastamento da Congregação. Mas posso imaginar. Aristeu era uma pessoa extremamente fiel. Um religioso fiel. E acho que foi fiel. Tomei-me de tristeza com a notícia de sua morte. Mas de alegria também por tê-lo conhecido e com ele convivido.

O ARISTEU SEMPRE FOI UM BOM COLEGA - *Joaquim Gomes da Silva*

Fui colega do padre Aristeu Meirelles desde 1951, na 7ª série, até 1963, quando nos ordenamos em 8 de dezembro de 1963. O Aristeu sempre foi um bom colega, disciplinado, sério e amigo. Nunca se notabilizou de maneira marcante no estudo. Não repetiu nenhum ano. Em 1953, no noviciado, em Barbacena, continuou mostrando suas boas qualidades, razão pela qual o escolhi como meu monitor, mostrando mais delicadeza na correção. Por onde passou, embora não tenhamos trabalhado juntos na mesma casa, foi um excelente cabeleireiro. Foi ele quem fez minha primeira tonsura, no primeiro ano de Teologia. Não posso deixar de falar de sua família que ofertou três ou quatro elementos para a Congregação: excelente formação religiosa.

PADRE ARISTEU - *Pe. Silvério Ivo Gomes*

Fomos colegas desde o início do aspirantado: ele chegou em dezembro de 1947, e eu, em fevereiro de 1948 a São João del-Rei. Daí para frente só nos distanciamos na assistência. Aristeu fez toda a assistência no aspirantado de São João del-Rei. Note-se que, para ser assistente lá, eram escolhidos a dedo os melhores em tudo. Vê-se que Aristeu era exemplar, quer nos estudos, quer na vivência religiosa. Naquele tempo, vivendo tempos não mo-

dermos, isto é, em que tudo era pré e supradeterminado, quanto mais dócil e submisso, tanto mais “santo” era o salesiano, sobretudo se era formando. Aristeu não fugiu à regra. Mas, além disso, era muito criativo e comunicativo, de uma alegria peculiar, pois era de um humor fino e cheio de trocadilhos. Gostava de música e tocava, além de fabricar, flauta e gaita. Dedicava-se também ao estudo de piano. Se não fosse interrompido o que estava já se tornando tradição na ISJB de enviar todo ano dois estudantes para fazerem Teologia em Turim (Crocetta), certamente um deles seria o Aristeu. Fizemos o curso de Teologia juntos. Se na primeira profissão éramos dezoito, entre salesianos irmãos e candidatos ao sacerdócio, chegamos seis ao fim do curso de Teologia. Ordenado sacerdote, nos distanciamos, cada um indo trabalhar onde a obediência o destinasse. Só fomos nos encontrar, muitos anos depois, em São João del-Rei, na década de 80, não me lembro bem do ano. Ele foi do Rio (Rocha Miranda) para lá como vigário paroquial. Após um ano, passou a ser o pároco. Ele se dedicou a várias reformas que a igreja de Dom Bosco precisava, como resolver o problema das goteiras que manchavam muito o teto e, sobretudo, o problema do som, pois havia um eco e uma microfonia que ninguém conseguia resolver... E o Aristeu resolveu. Ficou uns três anos pároco e, mesmo a contragosto, foi transferido para Cachoeira do Campo. Daí para frente, nosso convívio foi muito pequeno. No tempo que convivi com ele, mostrou-se de fácil relacionamento. Mas o tempo foi levando-o a mudanças que o tornaram difícil de convivência, chegando ao ponto que ele decidiu afastar-se da Congregação, passando a viver em Santa Rita de Ouro Preto. Eu estive lá várias vezes, visitando-o. Sempre nos recebeu muito fraternalmente, a mim e ao Arnaldo, colegas de turma, nós três. Guardo boas recordações do Aristeu, como meu colega de turma, numa relação muito fraterna e amiga, sobretudo no nosso tempo de formação.

DADOS PARA O NECROLÓGICO

Pe. MEIRELLES, ARISTEU

+ 20 de outubro de 1934 – Santa Rita do Jacutinga-MG

+ 29 de setembro de 2012 – Belo Horizonte-MG

1ª profissão religiosa: 31 de janeiro de 1954

Ordenação sacerdotal: 8 de dezembro de 1963



SALESIANOS

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

Av. Trinta e Um de Março, 435 – Dom Cabral
CEP 30535-000 – Belo Horizonte – MG
Fone: (31) 2103-1200 – Fax: (31) 2103-1201
isjb@salesiano.br – www.salesianos.br